

NARRATIVAS: CAMINHOS DO LAZER QUE ACONTECE NAS TESSITURAS DE CONTAR SOBRE O VIVIDO

Miraira Noal Manfroí¹
Alcyane Marinho²

Florianópolis, SC, Brasil

RESUMO: As histórias e as narrativas orais têm sido caminhos para compartilhar saberes das culturas que cultivam espaços e tempos para as rodas de conversas que provocam risadas e suspenses. Este artigo se configura como um recorte de uma tese de doutorado e tem por objetivo responder às perguntas: que outros seres (misteriosos) vivem na Serra do Amolar (Pantanal, MS)? Quais são suas histórias? O estudo teve caráter qualitativo, fez-se por meio de imersões, em diálogos com a etnografia e aproximações da Educação Física com as Ciências Humanas e Sociais. Os achados e registros que fazem parte deste recorte foram feitos por meio de: a) observações participantes; b) conversas informais; e c) caderno de apontamentos. As narrativas foram a linguagem encontrada para compartilhar experiências vividas e as preciosidades dos saberes cotidianos. O Pantanal e suas gentes têm generosidades, mas têm fragilidades e pedem respeito. Em suas narrativas sobre os protetores e/ou assombrações compartilham sensações, sabedorias, receios e aventuras. O exercício de pesquisar nesses contextos foi desafiador, incessante e encantador, evidenciando que as alegrias constituem seus cotidianos e as narrativas seus jeitos de compartilhar a vida.

Palavras-chave: Gentes. Narrativas. Pantanal. Lazer.

NARRATIVES: PATHS OF LEISURE THAT HAPPENS IN THE TESSITURES OF TELL ABOUT THE LIVED

ABSTRACT: Oral stories and narratives have been ways to share knowledge of cultures that cultivate spaces and times for the wheels of conversation that provoke laughter and suspension. This article is configured as a clipping of the doctoral thesis and aims to answer the questions: what other (mysterious) beings live in Serra do Amolar (Pantanal, MS)? What are your stories? The study was qualitative, made through immersions, in dialogues with ethnography and

¹ Sócia-fundadora do Balancê – lugar de brincar em Campo Grande (MS). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação Física (UFSC). Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). É integrante do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF) da UDESC. E-mail: mira_nm@hotmail.com

² Professora adjunta da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano do CEFID/UDESC. Líder do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF/CNPq) do CEFID/UDESC. E-mail: alcyane.marinho@hotmail.com

approximations of Physical Education with the Humanities and Social Sciences. The findings and records that are part of this clipping were made through: a) participant observations; b) informal conversations; and c) notebook. Narratives were the language found to share lived experiences and preciousness of everyday knowledge. The Pantanal and its people have generousities, but they have weaknesses and ask for respect. In their narratives about the protectors and / or hauntings they share sensations, wisdoms, fears and adventures. The exercise of research in these contexts was challenging, incessant and enchanting, showing that joys constitute their daily lives and narratives their ways of sharing life.

Keywords: Peoples. Narratives. Pantanal. Recreation.

NARRATIVAS: CAMINOS DE OCIO QUE OCURRE EN LAS TESSITURAS DE HABLAR DE LOS VIVIDOS

RESUMEN: Las historias y narraciones orales han sido formas de compartir el conocimiento de culturas que cultivan espacios y tiempos para las ruedas de conversación que provocan risas y suspensiones. Este artículo está configurado como un recorte de la tesis de doctorado y tiene como objetivo responder a las preguntas: ¿qué otros seres (misteriosos) viven en Serra do Amolar (Pantanal, MS)? Cuales son tus historias El estudio fue cualitativo, realizado a través de inmersiones, en diálogos con etnografía y aproximaciones de Educación Física con las Humanidades y Ciencias Sociales. Los hallazgos y registros que forman parte de este recorte se realizaron a través de: a) observaciones de los participantes; b) conversaciones informales; y c) cuaderno. Las narrativas fueron el lenguaje que se encontró para compartir experiencias vividas y preciosidad del conocimiento cotidiano. El Pantanal y su gente tienen generosidades, pero tienen debilidades y piden respeto. En sus narraciones sobre los protectores y / o fantasmas, comparten sensaciones, sabidurías, miedos y aventuras. El ejercicio de la investigación en estos contextos fue desafiante, incesante y encantador, mostrando que las alegrías constituyen su vida cotidiana y las narrativas sus formas de compartir la vida.

Palabras-clave: Pueblos. Narrativas. Humedal. Ocio.

Introdução

O presente texto apresenta as narrativas orais como caminhos que guardam e compartilham fragmentos das culturas, que ainda cultivam espaços e tempos para sentar embaixo das árvores e à sombra das varandas, para rodas de conversas e risadas (às vezes suspenses e medos!). Em localidades distantes dos centros urbanos e com precário acesso às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), o lazer se faz de jeitos outros, a partir do próprio cotidiano vivido e/ou imaginado. Nestas comunidades, há contadoras e contadores de histórias (causos, lendas e outros) que

encantam e capturam a atenção de ouvintes, com desejos de viver momentos de entretenimento que conduzam para além da concretude das lidas diárias.

A pesquisa desenvolvida se efetivou no Pantanal profundo - Serra do Amolar -, território ao qual se tem acesso somente navegando nas águas do rio Paraguai, após o município de Corumbá (Mato Grosso do Sul - MS). Para quem tem recursos, também há possibilidade de chegar em aviões de pequeno porte. Estradas por terra não há, neste conjunto de águas, terras e céus que, com suas gentes ribeirinhas e bichos, constituem-se como bioma - patrimônio natural da humanidade e reserva da biosfera pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, desde o ano 2000 (OECD, 2014).

A Serra do Amolar, habitada por cerca de 400 ribeirinhos, organizados em quatro principais comunidades foi, inicialmente, espaço de vida de indígenas da etnia Guató, ribeirinhos e pantaneiros (ALMEIDA, SILVA, 2011; SIQUEIRA, 2015). No entanto, a região foi sendo invadida externamente, a partir do século XVI, com a chegada dos espanhóis e continuou no início do século XVIII com os portugueses, no processo de colonização europeia da América do Sul (COSTA, 1999). Porém, foi no século XIX que ocorreu uma intensa invasão externa nestas regiões, por pecuaristas apoiados pelo governo português (SILVA, SILVA, 1995). Outro fluxo de invasão externa ocorreu após o término da Guerra do Paraguai (1864-1870), quando soldados não retornaram para seus lugares de origem, permanecendo na região (RIBEIRO, 2005). Atualmente, está ocorrendo o aumento do fluxo de turistas que buscam as belezas e os mistérios do Pantanal da Serra do Amolar, tornando a vida dos ribeirinhos complexa e multifacetada. Há contradições, desencontros e encontros, pois: “O aumento do fluxo de embarcações e de turistas ameaça a harmonia da natureza, mas também desperta novas possibilidades de organização, de convivência e de sobrevivência - transporte, hospedagem, alimentação, artesanato.” (MANFROI, 2019, p. 210).

Nestes contextos, na inexistência de equipamentos específicos de lazer (MARCELLINO, 2013), os elementos da natureza chamam pela diversidade e pela compreensão do tempo livre sob novos olhares, ampliados e abertos para contribuições outras que dialoguem com a pluralidade da “natureza-cultura” (MANFROI, 2019, p.43). Esta contextualização exigiu que, ao chegar aos campos de pesquisa, localizados na Serra do Amolar - Barra do São Lourenço (Barra) e Paraguai Mirim -, com Manoel de Barros (2010, p. 206), percebesse que: “No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.”.

Com esta compreensão, busquei as narrativas como caminhos de registrar partes do que ali foi vivido. De mãos dadas com as crianças de agora e as crianças de outrora que se manifestam em mergulhos, entre palavras e silêncios. Benjamin (2015) evidencia que, para compreender as nuances do que se vê é preciso ultrapassar classificações e descrições objetivas. O artista que pinta uma macieira, conta-nos Benjamin, não precisa saber classificar a árvore entre outras e descrever o seu tipo de maçã. O artista precisa

“transver”, poetiza Manoel de Barros (2010, p. 350): “Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.”

Senti que o Pantanal se constitui de nuances, delicadezas e especiarias que pedem sutilezas. A cada amanhecer e a cada entardecer a luz do sol incide nas folhas de diferentes maneiras, assim como as horas do dia modificam as belezas das águas e as morrarias desenham contrastes no azul dos céus. Benjamin (2015, p. 118), ressalta que: “[...] só se pode ver, quando se tem experiência, ou seja, quando já se viu o bastante [...]”. Os ribeirinhos sabem, aprendem, ensinam, desaprendem, tornam a aprender e a ensinar, pois, em suas materialidades e imaterialidades, compreendem que: “O sonho dá à água o sentido da mais longínqua pátria, de uma pátria celeste. [...] Assim a água, por seus reflexos, duplica o mundo, duplica as coisas. Duplica também o sonhador, [...] envolvendo-o numa nova experiência onírica.” (BACHELARD, 2013, p. 51).

Aquelas e aqueles que gestaram e gestam sabedorias no decorrer de suas vidas, como os ribeirinhos, compreenderam e compreendem, como Mário Quintana (2013, p. 7) que: “As pessoas sem imaginação Podem ter tido as mais imprevistas aventuras, Podem ter visitado as terras mais estranhas. Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: Também precisa ser sonhada.” Sonhar, ultrapassar as margens, viver experiências para além do cotidiano material, voar sem sair do lugar, mergulhar em cenários outros que nunca foram e que, talvez, nunca sejam visitados. Ou, quem sabe, de tão bem descritos, possam ser compreendidos, em suas singularidades e complexidades, com os sentidos da imaginação... Mesmo sem terem sido visitados concretamente, “pisados”.

Esta concepção de narrativas orais (histórias, causos, lendas e outras), configura-se como uma ampliada experiência de lazer coletivo e se fundamenta em processos de subjetivação, por meio dos quais o imaginário se mistura com os contextos históricos, sociais, culturais e econômicos (ALVES; CAPI, 2017). Neste percurso, as gentes que habitam a Barra e o Paraguai Mirim se apresentam como coletivos brincantes e narradores (MANFROI, 2019).

Nas comunidades da Barra e do Paraguai Mirim há muitas conversas, também silêncios, contemplações, observações e escutas. As sabedorias e os saberes são compartilhados de bocas a ouvidos, pelas falas, pelos gestos e pelas expressões faciais. Percebi, em minhas estadas, seguindo os escritos de Benjamin (2012, p. 214), que: “[...] quem viaja tem muito o que contar [...]” mas também que o “[...] homem que ganhou honestamente a sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” tem muito o que compartilhar.

Com esta compreensão e nesta concepção, não tive pressa e estive atenta a diversas linguagens e manifestações. Os corpos falaram de muitas maneiras, bem para além das palavras e, sensibilizada e envolvida pelos enredos, silencieiei, observei, ouvi, registrei no caderno de apontamentos. As narrativas foram surgindo, a cada amanhecer e a cada anoitecer. Contaram de tudo um pouco: nascimentos, mortes, cotidianos,

pescarias, objetos impregnados de afetos. Neste artigo, serão apresentadas algumas narrativas que contam sobre os mistérios do Pantanal, os bichos das águas com suas proteções e ameaças, o desaparecimento de pessoas, suas aparições em ocasiões especiais. Retratam sabedorias e experiências vividas.

Estas narrativas são parte dos cenários pantaneiros, nos quais cada criança que nasce é acolhida, inserida e nutrida em uma cosmologia ancestral - guardada por silêncios, fazeres e oralidades, que se fortalece em um ecossistema diversificado de gentes, bichos, árvores, águas, morros, céus. Os ribeirinhos têm consciência das ameaças que rondam este santuário da vida e que é preciso zelar e serem aliados da natureza-cultura, na qual estão imersos. Neste percurso, as histórias renascem no viver de novas aventuras que suscitam o desejo de ampliar as narrativas. Como adverte Benjamin, em escrito de 1936, a arte de contar histórias pode se extinguir:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...] É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 2012, p. 213).

Os mais jovens, reconhecem nos velhos a arte de contar histórias, com enredos que encantam os ouvintes, mas também se aventuram e, no exercício de contar, aprendem, ensinam e tornam a aprender.

Caminhos teórico-metodológicos

Os caminhos teórico-metodológicos foram construídos processualmente, em buscas intencionais, intuitivas e surpreendentes. Exercícios de fazer, refazer, desfazer e fazer de novo, com jeitos diferentes, ao encontro das crianças de agora e de outrora. Neste processo, a compreensão foi se ampliando com leituras, conversas, experiências vividas, artesanias de ser e de estar nos campos de pesquisa. As concepções, nas quais mergulhei (MANFROI, 2019), chamaram pelo diálogo entre autoras e autores, na busca da necessária unidade: Larrosa (2002, 2015); Barros (2010); Benjamin (1980, 2000, 2009, 2012, 2015); Couto (2003, 2012a, 2012b); Brandão (1982); Brandão e Freire (2005); Friedmann (2013); Geertz (1989); Magnani (2002); Mattos (2011); Trichê e Moretti-Pires (2012); Minayo (2002) e Minayo e Costa (2018). Os dados apresentados neste recorte da pesquisa, possuem aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UDESC, número 2.892.927/2018 em 13 de setembro de 2018.

Os campos de pesquisa estão localizados no Pantanal de MS, nas proximidades com a Bolívia, o Paraguai e o Estado de Mato Grosso (MT). Embora se constitua como unidade e seja referenciado, na maioria das vezes, no singular, o Pantanal apresenta variáveis geográficas e culturais significativas (BESPÁLEZ, 2015). A Serra do Amolar - campo ampliado da pesquisa -, é parte dos vastos pantanais e está localizada em território sul-mato-grossense, sendo *habitat* de espécies ameaçadas de extinção como a

onça-pintada, o jacaré do papo amarelo e o cachorro vinagre. As famílias que permanecem no local enfrentam desafios cotidianos como: escassez de água potável; redução dos seus territórios para cultivo de hortaliças e roças, como também para criação de animais para o consumo familiar; perda de biodiversidade e mudanças climáticas que causam quebras no cultivo de alimentos. Estes desafios geram enfrentamentos, havendo um longo caminho a ser percorrido pelas políticas públicas reivindicadas pelos ribeirinhos (SIQUEIRA, 2015).

Entre idas e vindas, fui apreendendo os tempos das germinações, nos exercícios das esperas que se fazem de confiança, entrega e escuta. Com silêncios e delicadezas, fui me aproximando devagar, às vezes parando, às vezes saltitando, mas aprendendo jeitos de estar com as comunidades locais que, como tantas outras, manifestam, em alguns momentos, desconforto com a chegada de forasteiros (PEREIRA, 2015). A mediação da organização não governamental Ecologia e Ação (Ecoa) foi importante para estabelecer os vínculos iniciais e abrir espaços para estadas, conversas e registros. A companhia de autoras e autores fortaleceu as experiências e foi indicando jeitos e caminhos de ser e de estar. Havia fios condutores, havia o inesperado, havia convites do poeta: “Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras: - liberdade caça jeito.” (BARROS, 2010, p. 156).

Diante deste cenário, o percurso metodológico foi exigente, pois, como pesquisadora, não estive isenta de experiências, observei e fui observada. Em constante cirandar, fui compreendendo que: “O primeiro passo para ouvir, olhar, ver e compreender começa com a possibilidade de um processo de autoconhecimento [...]. Consiste em nos colocarmos no lugar de cada uma e de todas as crianças.” (FRIEDMANN, 2013, p. 157-158). Também compreendi, com Mattos (2011, p. 45) que: “Fazer etnografia é um pouco de doação, de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro [...]”.

Com esta compreensão, a pesquisa esteve aberta para quem quis chegar, experimentar, participar, sem parâmetros estabelecidos *a priori*. Cada uma e cada um foi chegando, no decorrer do processo, de jeitos peculiares. Fui surpreendida pela diversidade de pessoas de quem me aproximei e com quem tive a alegria de viver experiências nos campos de pesquisa. As crianças abriram os portais, chegaram com seus diferentes tamanhos, jeitos de ser e olhares que convidavam para estar junto. Houve palavras, peraltagens e aventuras compartilhadas. Algumas ficaram mais tempo, outras passaram e deixaram suas marcas. Muitos personagens fizeram parte desta pesquisa, mas, do que conto neste recorte, há uma participação profunda de Rayane. Filha de Dona Joana, mulher forte e habilidosa, e de Zé Catarino, um exímio pescador e contador de histórias. Rayane, é merendeira da Escola da Barra do São Lourenço, ofício que assumiu depois de sua mãe se aposentar, após onze anos. Rayane viveu a sua vida toda neste território, com algumas viagens esporádicas para Corumbá, sabe de permanência.

Nos tempos que fiquei por lá, uma das vezes, fiquei alojada na escola, minha cama ficava ao lado da cama de Rayane. Na primeira noite, pouco conversamos. Na segunda falamos um pouco. Na terceira acabamos acordando a Luíza, aluna que dormia no quarto conosco e, assim, com o passar dos dias, as conversas iam longe, de dia e de noite. Com os dias passados, logo depois da janta, o converceiro acontecia na varanda da escola, feita com estrutura de palafita, de frente para o Rio Paraguai.

O gerador estava na cidade em manutenção. Então, a luz era de velas e algumas lanternas. A varanda era telada, para evitar mosquitos e qualquer outro bicho que se aproximasse. Mas vira e mexe os morcegos, que no forro da escola moravam, começavam a circular, até parece que sabiam que comporiam o cenário das histórias profundas do Pantanal. Com as suas aparições, acabavam gerando sustos nos ouvintes atentos.

Houve uma preparação teórico-metodológica para estar com os ribeirinhos, mas também acontecimentos de uma trajetória de vida que me aparelhou para que o olhar de longe e de fora se tornasse um olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2002). Cada estada foi diferente. Instigante. Desafiadora. Em minha casa, sentia o chão ribeirinho sob meus pés. Estava em casa, mas também estava lá. Exercícios de estar e de escrever lesmavam. Manoel de Barros (2010, p. 233) puxou a minha orelha: “Cada dia com sua tarefa. Tempo de comer é tempo de comer. Tempo de criar, de criar.”. Escrevi.

O meu estar na Barra e no Paraguai Mirim se fez em seus mais diversos cenários e, para os registros destas experiências ribeirinhas contei com o auxílio de: a) observações participantes; b) conversas informais; e c) caderno de apontamentos. As observações participantes consistiram em me fazer presente nos diferentes espaços e tempos, convivendo com as comunidades em seus cotidianos, sem hora para iniciar e sem prazo para acabar (TRICHÊ, MORETTI-PIRES, 2012). As conversas informais (TRICHÊ; MORETTI-PIRES, 2012) estão presentes no cotidiano ribeirinho. Evitei perguntas, pois compreendi que há o tempo de semear e o tempo de colher, o tempo de observar, o tempo de ouvir, o tempo de calar e o tempo de falar. A permanência mais alargada nas comunidades contribuiu para a diminuição do estranhamento e as conversas fluíram mais longas e com mais detalhes.

O caderno de apontamentos, termo inspirado em poesia homônima de Manoel de Barros (2010, p. 275), configurou-se como meu parceiro inseparável, permanecendo comigo ao longo da pesquisa. Brandão (1982) destaca que estes apontamentos se constituem como as memórias da pesquisa em seus tempos cronológicos e contextos específicos. Registrar é o exercício de sistematizar o que foi vivido, tendo a possibilidade de rever e repensar para, se necessário, redefinir os caminhos e projetar novos jeitos de estar em campo, equilibrando as tensões entre a tentadora aproximação e o necessário afastamento. Com a concepção dialógica e dialética, apoiada em Mattos (2011) e Minayo (2002), busquei a construção de uma metodologia que esteve sempre em movimento.

A proposta teórico-metodológica não se enquadrou em parâmetros pré-determinados para a análise dos achados, pois os próprios procedimentos de coleta foram dinâmicos e repensados durante o decorrer da pesquisa. Com esta compreensão, fez-se necessária a abordagem contextualizada e interpretativa, que me aproximou dos estudos de Geertz (1989); Mattos (2011); Minayo (2002); e Minayo e Costa (2018). Com esta compreensão, não usei categorias para agrupar os achados e não me apoiei no quantitativo de repetições nas falas e ações. As narrativas comunicam os saberes da experiência que são, segundo Larrosa (2002): particulares, subjetivos, relativos, contingentes e pessoais, ou seja, cada ser, diante da mesma cena, possui jeitos diferentes de gestar e de compartilhar o vivido. As narrativas, pautadas em Benjamin (2000), ajudaram a compartilhar as experiências de maneira fluida e sem reduzir as cores, os sabores, os sons e os aromas do viver cotidiano.

Ao transcrever as narrativas, não mantive eventuais vícios de linguagem, principalmente no que tange concordâncias verbais, nominais e terminalidades em “r”, por compreender que a proposta da pesquisa não foi um estudo linguístico e tampouco uma análise de discurso. As expressões regionais e os jeitos singulares de contar foram mantidos na concepção de que as narrativas convidam para a criatividade, a ousadia e a arte de ser original e, assim, manter os ouvintes atentos. Benjamim (2012, p. 214) afirma que: “[...] entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

As narrativas foram a linguagem encontrada para compartilhar, na escrita, as experiências vividas e as preciosidades dos saberes ribeirinhos que se ressignificam em fazeres cotidianos, que se guardam e se comunicam em tradições orais. Para este artigo foram escolhidas algumas narrativas que serão compartilhadas, por retratarem (com leveza e, ao mesmo tempo, profundidade) histórias, causos e lendas que contam de sabedorias, memórias, bichos d’água, assombrações, encantamentos, mistérios, delírios.

Narrativas : bichos d’água, assombrações, encantamentos, mistérios, delírios...

As narrativas orais são atemporais e condutoras de processos ancestrais. Aqueles que passaram suas infâncias na companhia de adultos contadores de histórias, sabem disso. Com estas memórias, escolhi as narrativas, pois, de maneira leve, instigante e dinâmica, podem compartilhar descrições densas (GEERTZ, 1989), ultrapassar a reducionista objetividade dos fatos, descrever as camadas do tempo histórico, contextualizar os cenários, assegurar voz aos protagonistas, esclarecer e ampliar as interações com os leitores.

Na concepção de Benjamin (1980, 2012), quem narra cria as narrativas com inspiração em sua trajetória de vida - individual e coletiva. Ao contar algo, vivido ou apreendido, compartilha experiências e fatos, em processos artesanais e pessoais,

omitindo e/ou acrescentando detalhes. Quem narra quer ouvir e, para isso, busca um linguajar atraente. Na concepção de Velho (2011, p. 176): “O próprio pesquisador é, em parte, personagem das histórias e das narrativas que colhe. [...]”.

Experiências, saberes e sabedorias que carregam ritmos e critérios para serem compartilhadas. As narrativas sobre os elementais e as criaturas que compõem os cotidianos das vidas ribeirinhas chegaram para mim depois de algumas estadas no Pantanal. Estávamos na Barra, após jantar, na varanda da escola. Luz pouca. Conversa rolando. Como muitas vezes acontece, a chegada da noite chama por histórias que carregam mistérios. Rayane, jovem que participava da roda, neta e filha de contadores de causos do Pantanal, perguntou:

*- Mira, você ouviu papai contando a história do Minhocão?
É de arrepiar. Papai é o melhor contador de histórias que eu conheço.*

Respondi que não. Ela ficou um tempo em silêncio, olhar distante, como se quisesse trazer seu pai para a nossa roda. Os mais jovens, reconhecem nos velhos a arte de contar histórias, com enredos que envolvem ouvintes. Rayane admira os jeitos de seu pai, Zé Catarina, ser narrador, talvez porque, nas redes da tessitura das narrativas de quem já viveu um bocado de anos, o real e o que poderia ser se encontram, na convicção de que a fala dos anciãos encanta, mais do que explicam, como descreve o avô Mariano, personagem de Mia Couto (2012b, p. 13): “[...] nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, [...]”.

Na sequência, Rayane passou a contar uma história atrás da outra. Quem estava na roda ouvia e se entregava aos enredos nascidos das experiências que passam de boca a ouvidos. Ter a oportunidade de viver a potência de ouvir narrativas artesanais, contadas com tantos detalhes, conduziu aos escritos de Benjamin (2012, p. 217): “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência de seus ouvintes.”. Rayane, nascida e criada na Barra, cercada de natureza e de sabedorias ancestrais, nos envolveu e nos conduziu aos mistérios do Minhocão, do Pé de Garrafa, do Negrinho D’água, do Pombeiro e de alguns outros acontecimentos que se constituem como memórias de uma ou outra pessoa, para quem o fenômeno apareceu. Ao ouvir os nomes dos personagens fui lembrando que já havia escutado alguns e que seria preciso esquecer o que sabia para me deixar levar por novas imagens destes seres, pois, como adverte Camara (2005, p. 6):

A ambientação é uma característica do caso que o define não geograficamente, mas o projeta como universo mítico. Em outras palavras, o Pantanal recria um universo paralelo ao sertão [e a outros tantos lugares]. A região pantaneira passa a ser garantia de veracidade para acontecimentos suspeitosos. Imagina-se que o ouvinte não questionará algo acontecido em lugar tão misterioso, tão intransponível para a razão humana.

As estadas no Pantanal sempre trouxeram algumas desconstruções. Exigiram entregas. Ofereceram preciosidades. Assombrações! As narrativas de Rayane aconteceram em turbilhão, uma chamava a outra. Chegou sede. Cadê a coragem de ir sozinha buscar água? Ninguém saiu do seu lugar. As crianças ouvem estas histórias e sabem de personagens que existem para confundir as certezas e para distrair a paz. Rayane repetiu para nós as histórias que ouviu em sua vida. Registrei e transcrevi. Manoel de Barros (2010, p. 217) assegurou legitimidade:

Pantanal é muito propício a assombrações. Principalmente lobisomens, que são uma espécie de assombrão que bebe leite. Houve quem tenha visto até lobisomem de chinelo. Vento que sopra na folha do rancho pode que seja. Passos no quarto da moça, imitando com passo de gente, já ouvi chamar de lobisomem. Parente de viúva aparece muito de noite. Pede mingau, pede vela e se vai. Às vezes até pede para a viúva acompanhá-lo do outro lado do mato, a fim que não fique extraviado o errante por esses cerradões de três pelos.

Há assombrações. Há elementais. Há jeitos de contar. Quem conta, inventa. Quem escuta, pode aumentar. Com esta compreensão, passo a relatar fragmentos do que escutei de uma narradora, mas que foi ouvido por outros ribeirinhos, sem contestações. Com a palavra, Rayane:

- Minhocão. É verdade. Ele é um bicho preto, que tem as costas cascudas, que come os barrancos e amplia o curso do rio. O meu tio, com a minha tia, moravam perto do rebojo, ali fizeram a casa deles. Fizeram, mas não sabiam que o minhocão ia derrubar. O que tava no porto já tinha sido levado. Tanque de caranguejos e canoa também! Mudaram de lá e parou de desbarrancar. [...]

De um tempo para cá, começou a derrubar de novo. Eu já vi o Minhocão de longe. Ele é grandão!!!!

- A onça d'água é igual a onça do seco. Só que é preta, fala meu pai.

- Também tem o Pé de Garrafa. Quando ele grita lá do morro, todo mundo que ouve sai fora de sentido. Ele deixa pegadas igual a fundo de garrafa.

Ao ouvir Rayane, constatei o desejo que ela, como narradora, apresentava de assegurar credibilidade ao que narrava: “É verdade”. Mesmo não havendo questionamento de quem a ouvia. Rayane também trouxe as características da oralidade que possibilita experimentar várias posições, ora se colocando como protagonista, ora contando sobre alguém que ouviu falar ou que viveu a experiência. Rayane estava atenta, de acordo com as nossas reações, alterava alguns detalhes e ampliava as descrições: “As crenças ancestrais se somam à inventividade do pantaneiro moderno. Começa haver uma mescla de informações sabidas pela tradição oral vinda dos pais com

as informações chegadas da cidade, principalmente através do rádio e da televisão.” (CAMARA, 2005, p. 6).

Rayane continuou contando de suas memórias com os avós. De acordo com ela, há muitas histórias de bichos d'água. O Minhocão é um bicho d'água, assim como o porco d'água e o cavalo d'água. Há outros. Rayane cita a fala do pai para que os ouvintes não tenham dúvidas sobre a veracidade dos fatos:

- Meu pai conta que hoje não é modo antigamente. Antes não existia piracema, era liberado diretamente, toda hora que queria pescava. Daí, quando subia as cabeceiras de peixe, era a época que os bichos d'água mais ficavam assanhados. Aí aparecia porco d'água, onça d'água, cavalo d'água.

Rayane ainda explicou que pescavam de rede e, vira e mexe, os bichos d'água se enredavam e rasgavam as tramas. Era um sufoco. Redes rasgadas e, quando livres, os bichos corriam atrás dos pescadores. Contou que, uma vez, estavam pescando à noite. Era rodada de anzol - jeito de pescar no Pantanal, no qual os barcos descem o rio no movimento da correnteza e os pescadores jogam os anzóis um após o outro até terminar os cardumes. Neste tipo de pesca o silêncio é absoluto. De repente, escutaram um barulho que vinha do meio do rio. Gritaram para o povo que estava mais para baixo:

- Olha o porco d'água!!! Desceu lá pra baixo... Ufa! O porco passou por eles sem fazer nada. Às vezes acontece assim...

Silêncio. Cada ouvinte com as suas caraminholas, com seus pensamentos. Não cabiam comentários. A narradora pausou. Nada perguntou e, quando sentiu vontade, trouxe outros personagens, alguns descritos com enredo, outros só citados:

Negrinhos D'água. Menininhos pretos que brincam. [...] Quando era noite se escutava barulho de gente caindo na água. Lá no meio do rio. Vinham nadando. Eu não tinha medo. Olhava da casa pro meio da água. A água parecia normal. Sem ninguém. O barulho continuava. Parecia que algo saía no seco e, de novo, puf puf, caía na água. Até uma meia noite.

Todo dia nós, minhas primas e meus primos, na água. Quando foi um dia, vinha rodando um pau cumprido. Puxamos ele, para pisar e dar de ponta na água. Num dia, quando a gente ia pular na água, mamãe gritou:

- Criança, não pula criança! A água tá fervendo aí. Saímos. A gente não sabia o que que era. Se era jaú, arraia... Não chegamos ver o que que era. A coisa chegou até na beiradinha do pau boiando. Mamãe viu, ela estava sentada na barranca do rio.

Pombeiro. Homem preto, que vive na mata. As mulheres que encanta, ele emprenha com o olho. Aí, depois que a mulher ganha o bebê, ele pega e vai embora.

O sono não chegava. Rayane sentiu que havia ouvintes atentos e interessados em suas histórias. Passou a falar sobre mulheres e homens que foram encantados por seres das águas. Relatou que a sua avó contava a história de um rapaz que foi encantado por uma mulher que era do fundo do rio. Rayane também falou que a avó contava a história de uma prima que ficou encantada. Encantada de verdade! Um dia, sentaram na beira do rio e perceberam que a menina sumiu nas águas. Quando retornou, perguntaram o que havia acontecido com ela. Disse que não podia contar. Continuou sumindo. Um dia pegou barriga. Quando estava para ganhar o bebê, foi deixada por ele na praia. Não sumiu mais.

Rayane continuou animada para contar histórias. Há noites assim. Passou a contar uma história que ouviu de seu pai, reconhecido narrador:

Havia uma menina, filha de conhecidos, que sumiu no rio. O padrinho da menina diz que viu o vestido que flutuava e que perguntou para a mãe da menina - sua comadre -, sobre a afilhada. A mãe falou que a filha tinha caído na água e sumido. Meu pai conta que vinha subindo de canoa e que viu o vestido boiando. Se aproximou, a menina riu pra ele, segurou na proa da canoa e, quando foi pegar a criança, ela afundou.

Silêncio. Parecia que cada ouvinte buscava compor algumas imagens que, de certa maneira, vivificassem as histórias narradas. Rayane, encorajada, continuou, agora, história de lobisomem:

Esses tempos, tinha um pilotoiro. Chamava Paulinho. A turma falava que ele era lobisomem. Noite que ia fazer lua cheia, os cachorros não dormiam em todo lugar. Meu tio via a criatura e dizia que tinha o tamanho e a orelha de um burro. Também contou que a criatura tentava sei lá, rinchar, sei lá eu. Os cachorros atrás dele.

A professora Mari gostava de pescar à noite, no porto, em frente da escola. De repente, ela e os alunos que pescavam, escutaram aquele troço que vinha vindo, aquele troço querendo rinchar. Correram para a escola. Os cachorros correram com a criatura pra baixo. Era lua cheia.

Um dia o professor Miguel viu também e disse pra minha mãe - dona Joana -, que achava que era seu Paulinho que estava virando lobisomem. Falou ter visto escalando a tela e que era um bicho horrível. Quando foi um dia Reginaldo falou que não existia, queria ver. O seu Paulinho tinha mudado daqui de perto da escola, estava morando pra lá do seu Cidi.

Uma noite a gente vinha tudo no tablado, conversando e foliando. Brincando de roda e de "guarda seu anelzinho não dá para ninguém". Nós fomos pra casa, Reinaldo ficou mais um pouco. Mais tarde, quando estava no caminho de casa, os cachorros começaram a ir em direção à casa do seu Cidi. Reinaldo passou ali pela Boquinha - lugar que junta água. Estava seco. Continuou andando. Desconfiado. Parou, escutou. Pensou que era o touro. Continuou a caminhar.

Perto da sua casa, pegou uma vasilha e foi para o rio apanhar água. Ligou a lanterna... No que ele iluminou, o troço tava de pé, meio querendo rinchar. Reginaldo jogou a lanterna e a vasilha, não sabe nem pra onde. Correu pra casa e, lá dentro, seu Marinho chamou por ele:

- O que é filho?

- *Eu vou pegar a 22 de papai. Se for touro eu vou dar uma paulada nele, mas se for esse troço eu vou dar um tiro nele.*

- *Sai não, filho. Fica em casa.*

No outro dia Reginaldo chegou lá em casa dizendo:

- *Nunca mais duvido, nunca mais duvido, nunca mais ando sozinho nesta estrada. Por que pensa em um troço feio!*

Depois disso, a gente só ia e vinha de mutirão. Depois que o Paulinho foi embora, acabou, sumiu. Era ele mesmo...

Rayane contou de seres imaginários, mas sempre tendo presentes os elementos do Pantanal. Há histórias que têm o mesmo nome de outras que são conhecidas no folclore brasileiro, mas há diferentes elementos e jeitos de contar, até mesmo em outras regiões pantaneiras (CAMARA, 2007). Considerando que as narrativas transitam vivas entre as bocas e os ouvidos, não busquei a fidedignidade do que foi contado, mas o enredo que Rayane apresentava a cada nova história.

Mergulhando nas palavras que se articulavam nas memórias que foram habilidosamente compartilhadas pela narradora, foi possível observar alguns detalhes que trouxeram significados outros da vida ribeirinha. A compreensão e a memória são singulares. Algumas narrativas apresentavam mais detalhes, outras foram mais simplificadas. As criaturas, assustadoras, mas também encantadoras. Despertavam medo, mas também fascinavam. A dicotomia entre o bem e o mal se fez presente nas ações das criaturas que, geralmente, aparecem para uma pessoa e durante a noite. Há alguns ribeirinhos que gostariam de ver, pois há o desejo de dominar e vencer. Há outros que viram e não gostam de lembrar. Há aqueles que, só de ouvir falar, materializam as criaturas e tremem de medo.

No entanto, há pessoas que se sentem tranquilas ao pensar que, no Pantanal, há esses seres que, de alguma maneira, protegem a natureza e as gentes ribeirinhas, trazendo preocupação quando deixam de aparecer. Para melhor compreender, perguntei quando foi a última vez que uma destas criaturas apareceu. Rayane respondeu:

- *Faz tempo, Mira. Depois que os barcos de turismo começaram a subir eles sumiram.*

Sumiram mesmo!

Os ruídos gerados pelos grandes barcos de pesca perturbam aqueles que vivem mergulhados nas águas, entranhados nas matas e sobrevoando os céus. Mia Couto (2012a, p. 19) colabora com esta compreensão: “[...] só os humanos sabem do silêncio. Para os demais bichos o mundo nunca está calado e até o crescer das ervas e o desabrochar das pétalas fazem um enorme barulho. No mato, os bichos vivem de ouvido”.

As narrativas de Rayane provocaram curiosidade. Retornando, fui pesquisar e descobri que o Minhocão é antigo e conhecido. Na região, umas pessoas ouviram falar, outras conhecem alguém que viu a criatura. Em Corumbá, fundada em 1778, há histórias

que foram contadas e recontadas, embaixo das árvores, nas praças, no porto, nas travessias do rio Paraguai, nos navios de diferentes nacionalidades que ali aportavam. Foram comentadas até mesmo em revista:

[...] Disseram-me que em Corumbá, até havia uma pessoa que vira o Minhocão. Procurei-a. Era um velho italiano, um dos mais velhos moradores da cidade, antigo capitão de navio, reduzido à vida sedentária de administrador de fazendas. Não, disse-me ele, eu não vi o Minhocão, vi o seu rastro. Meu filho, sim, o viu uma vez e correu dele às léguas. Disse-me que era preto e parecia um enorme bote de quilha para cima. O rapaz estava numa canoa no rio Paraguai; encostou-se à terra e correu com todas as forças para casa. Fui ver o lugar e encontrei o seu rastro, na lama e no aguapé. Era uma depressão enorme, um sulco muito largo que só uma embarcação grande poderia ter produzido; e por toda a redondeza só havia canoas e essas mesmo pequenas... (RIBEIRO, 1908)³.

Há, nas narrativas de Rayane, a sabedoria de quem conhece o seu lugar e sabe de sua força e de suas fragilidades. Há a compreensão de que tudo está por um fio, que tudo é muito tênue. No Pantanal, há uma unidade que aproxima seres humanos e bichos - são natureza: “Era o que meu pai, naquele momento, invejava: ser um bicho. E, longe dos humanos, regressar à sua toca, adormecer sem pena nem culpa.” (COUTO, 2012a, p. 19).

Ser gente, ser bicho. Estar no mundo e saber que há possibilidades de conversar com as nuvens, com a lua, com o rio. Acreditar que há sinais na natureza que indicam os movimentos do universo. Há jeitos de ler a lua? Há anúncios de que o tempo vai virar? É possível alterar as previsões da meteorologia? Os ribeirinhos acreditam que um círculo luminoso em torno da lua anuncia que o tempo vai virar. Será? Em uma noite que se fazia quente, vi a lua dentro de um círculo de luz trazer ventos frios. Contaram também outro segredo: pedir céu limpo, sem chuva, jogando um pedaço de sabão no rio. Realidade? Ficção? Prefiro brincadeira. Encantar a vida. Viver sem definições, sem certezas. Viver criança. Até então, quando a chuva permanecia por muitos dias, ou quando havia uma festa e não se queria chuva, colocava um ovo no muro e pedia a Santa Clara a abertura dos céus. Depois de estar no Pantanal, comprei uma barra de sabão.

Em cada narrativa, a liberdade de ser e de dizer, encontra com a poética de Manoel de Barros (2010, p. 345): “É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez. Tudo que não invento é falso.”. Assim, em minhas estadas, no decorrer do dia e da noite, as narrativas foram surgindo e contando sobre a Barra, o Paraguai Mirim e suas histórias. Nas narrativas, as palavras vão seguindo o ritmo de quem conta, têm enredo, têm silêncios, têm sabor, têm memórias. Na concepção de Benjamin (2012, p. 221), têm “uma forma artesanal de comunicação”, pois a narrativa:

³Alípio de Miranda Ribeiro - lenda descrita no artigo “Ao Redor e Através do Brasil”, revista “Kosmos”, número 12, 1908. Disponível em: <https://www.xapuri.info/cultura/mitoselendas/lenda-do-minhocao/>

[...] não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. É uma inclinação dos narradores começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, isso quando não atribuem essa história simplesmente a uma vivência própria.

Com esta compreensão teórica, as narrativas tiveram o propósito de registrar e de compartilhar os achados de pesquisa, pois os textos rígidos e formais não dariam conta de transcrever histórias que começam com “era uma vez”... Enredos que carregam as sensações de conviver com esses seres... Também ocorrem mudanças na atribuição de sentido a esses fenômenos, trazidos e, às vezes, provocados e/ou reforçados pelas culturas, como enfatiza Friedmann (2013, p. 124):

A partir do momento em que refletimos, percebemos as imagens que vêm ao nosso encontro, elas se transformam, adquirem outras dimensões tingidas pela cultura do observador, pela sua história, pela cultura na qual elas próprias estão inseridas. A natureza da imagem fora transforma-se conforme a natureza daquele que olha. O que cada um vê e lê são inferências diversas a partir de referenciais naturais e culturais individuais, assim como do instante, do momento presente.

O tempo foi passando e as histórias não paravam, contavam de seres que existem de verdade, só que pode ser que não. Cada amanhecer iluminava os cantos daquele lugar e tudo parecia ficar mais visível. No entanto, o anoitecer instigava a falar sobre os mistérios que povoam e andarilham pelas terras, águas e morros. Na escuridão se descobre que há mais mistérios do que se possa imaginar nos primeiros contatos. Compartilhar segredos sobre criaturas outras e sobre nossos medos é para quando a confiança se faz presente. Neste estradar, passei a ouvir histórias de criaturas que transitam entre o real e o ficcional, mas sempre relacionadas aos tantos jeitos de ser e de viver ribeirinhos. Bichos das terras que também existem nas águas; personagem que desce as montanhas, grita e deixa rastros de pisadas com formato de garrafa; minhocão que come barrancos e traz água para desmoronar casas; seres que encantam e engravidam meninas; outros que encantam rapazes. Estas histórias também fizeram parte da infância do menino Paulo Freire (BRANDÃO; FREIRE, 2005, p. 7-8):

Me refiro a meu medo das almas penadas cuja presença entre nós era permanente objeto das conversas dos mais velhos nos tempos da minha infância. [...] Não havia melhor clima para peraltices das almas do que aquele. Me lembro das noites em que, envolvido em meu próprio medo, esperava que o tempo passasse, que a noite se fosse, que a madrugada semi-clareada viesse chegando, trazendo com ela o canto dos passarinhos “manhecedores”. Os meus temores noturnos terminaram por me aguçar, nas manhãs abertas, a percepção de um sem-número de ruídos que se perdiam na claridade e na algazarra dos dias e que eram misteriosamente sublinhados no silêncio fundo

das noites. [...] Muitas dessas estórias me fizeram tremer de medo, já deitado para dormir. Olhos fechados, coração batendo, encolhido ao máximo sob o lençol, esperava, a cada momento, a chegada de uma alma penada, falando fanhosamente [...]. O meu medo, contudo, não era maior do que eu. Começava aprender que, embora manifestação de vida, era preciso estabelecer limites a nosso medo. No fundo, experimentava as primeiras tentativas de educação de meu medo, sem o que não criamos a coragem.

Os ribeirinhos, em sua maioria, conversam sobre as mais diversas temáticas e as crianças circulam, ouvem e seguem brincando. As notícias, informações e narrativas são ditas e ouvidas por quem quiser. Benjamin faz pensar sobre a importância de entender que: “A criança compreende perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que partam honestamente e espontaneamente do coração.” (BENJAMIN, 2012, p. 256).

No Pantanal as crianças estão por perto. Brincam. Ouvem. As histórias são contadas sem “adequações” e sem “infantilizações”, as palavras são pronunciadas com suas levezas e seus pesos. As crianças vão conhecendo os adultos. Ouvem histórias que provocam arrepios. Aceleram as batidas do coração. Histórias que fazem rir e chorar. Falar e calar. Dormir e sonhar. São histórias contadas com poesia, com mistura de emoções e, nelas, às vezes de pernas para o ar, tudo existe em diferentes dimensões, como na narrativa de Mia Couto (2003, p. 163): “A gente não vai para o céu. É o oposto: o céu é que nos entra, pulmões a dentro. A pessoa morre é engasgada em nuvem”.

Considerações que continuam o navegar...

Pantanal, lugar de águas margeadas por terras sob um céu de infinitas nuances. Pantanal, lugar de mulheres e de homens que compartilham sabedorias ancestrais. Pantanal, berço de meninas e de meninos que sobem em árvores, que molham os pés no imenso rio Paraguai e que acordam vendo o voo dos tuiuiús. Serra do Amolar - Barra e Paraguai Mirim -, campos de pesquisa, lugar que me convidou para as desaprendizagens de aprender. Ninhos de narradoras e narradores.

O Pantanal quer ser compreendido e respeitado em suas singularidades, complexidades e simplicidades. Suas gentes, de todas as idades, sabem, aprendem, ensinam. O Pantanal é pleno de histórias de “era uma vez...” Há pé de garrafa, minhocão, bichos d’água, negrinho d’água, Pombeiro, Lobisomem que se mostram quando e para quem querem, que podem trazer as mais diversas sensações, de medo, proteção, susto... Os ribeirinhos sabem e compartilham que por ali vivem seres outros...

O tempo e o espaço de escuta das narrativas, tecidas pela voz de Rayane, reforçam a reflexão trazida por Gomes (2014) sobre o repensar do lazer como fenômeno urbano-industrial oposto ao trabalho e às obrigações cotidianas, porque “[...] invisibiliza, silencia e marginaliza o lazer em determinados contextos, sobretudo, nos minoritários, como os indígenas, ribeirinhos, quilombolas, ciganos e outros.” (p.18). A autora sugere a possibilidade de compreender o lazer como necessidade humana e dimensão da cultura,

explicitando-o como “[...] uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais lúdicas contextualizadas e historicamente situadas. Seguindo essas premissas, muitas experiências de lazer, potencialmente, podem confrontar a colonialidade do poder e do saber”. (GOMES, 2014, p.18).

Nesta perspectiva, as rodas de contação de histórias sobre os casos do Pantanal, longe das luzes das cidades, mas cobertas de um céu de estrelas, configuraram-se como um momento especial de lazer vinculado à necessidade humana daqueles que por ali estavam. O Pantanal e as suas gentes querem ser ouvidos e, ouvi-los foi um deleite... Uma região que se encontra bem pra lá, às margens do rio Paraguai e na qual contar e ouvir histórias é uma constante... Há humanidade profunda em cada imagem gerada nas histórias, que toca não só aos que ali levam a sua vida, mas a mim, e talvez a você também.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C.; CAPI, A. H. C. Lazer e religião: contextos da atuação de líderes religiosos como mediadores do lazer. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, v. 25, n. 3, p. 328, 2017.
- ALMEIDA, M. A.; SILVA, C. J. da. As comunidades tradicionais pantaneiras Barra de São Lourenço e Amolar, Pantanal, Brasil. **História e Biodiversidade**. v. 1, n 1, 2011.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BENJAMIN, W. Textos escolhidos. *In*: BENJAMIN, W. *et al.* **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 1-85.
- _____. **Rua de Mão Única**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.
- _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed.rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- _____. **A hora das crianças: narrativas radiofônicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2015.
- BESPALEZ, E. Arqueologia e história indígena no Pantanal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 45-86, abr.2015.

BRANDÃO, C. R. **Lutar com a palavra**: escritos sobre o trabalho do educador. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

BRANDÃO, C. R.; FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, de letras e de palavras. São Paulo: UNESP, 2005.

CAMARA, R. P. **Os causos na região do Pantanal Brasileiro**: identidade e poética. In: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. **Anais...** Londrina, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anaissimposios/pdf/201901/1548206574_3d11055f817e1dd6694741ff19561fe8.pdf.

_____. **Os causos**: uma poética pantaneira. 2007. 173f. Tese (Doutorado em humanidades) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2007.

COSTA, M. F. **História de um país inexistente** - o Pantanal entre Séculos XVI e XVIII. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A confissão da leoa**. São Paulo: Boa Companhia, 2012a.

_____. **Estórias abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

FRIEDMANN, A. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

_____. **Tremores**: escritos sobre experiência. São Paulo: Autêntica, 2015.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, p. 139-153, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/6439-397-19398-1-10-20180827.pdf> Acesso em: 13 fev. 2019.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MANFROI, M. N. **Nas artesanias de ser criança em um santuário ecológico** – Pantanal (MS). Dissertação. (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. 242 p.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 17. ed. Campinas: Papyrus, 2013.

MATTOS, C. L. G. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p.25-48.

OEKO. O que é uma Reserva da Biosfera. Dicionário Ambiental. **((o))eco**, Rio de Janeiro, jun. 2014. Disponível em: <<https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28448-o-que-e-uma-reserva-da-biosfera/>>. Acesso em: 20 março 2019.

PEREIRA, A. de S. **Entre barras e barrancas**: elementos da ecologia dos ribeirinhos da comunidade Barra do São Lourenço/MS. 2015. 210 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

QUINTANA, Mário. **Lili inventa o mundo**. 10. ed. São Paulo: Gaudí Editorial, 2013.

RIBEIRO, Alípio de Miranda. “Ao Redor e Através do Brasil”, **Kosmos**, n.12, 1908. Disponível em: <https://www.xapuri.info/cultura/mitoselendas/lenda-do-minhocao/>

RIBEIRO, M. S. **Uma ilha na história de um povo canoeiro**: o processo de desterritorialização e reterritorialização dos Guató na região do Pantanal (século XX). 2005. 251f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil, 2005.

SILVA, C. J. da; SILVA, J. A. F. **No ritmo das águas do Pantanal**. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, 1995.

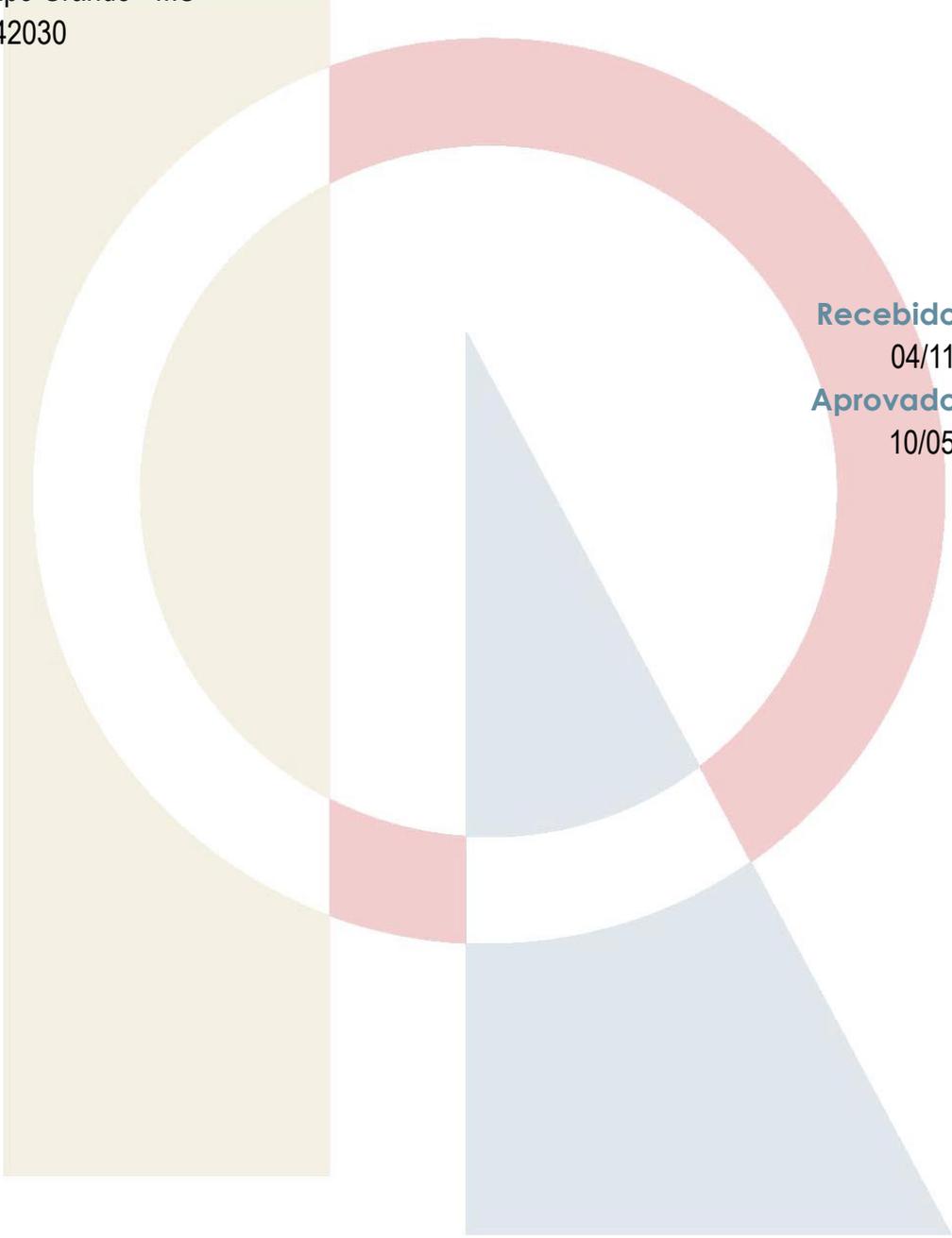
SIQUEIRA, A. L. **Conflitos socioambientais em comunidades tradicionais da fronteira Brasil-Bolívia e a experiência de implantação do turismo de base sustentável como alternativa de renda na comunidade da Barra do São Lourenço**. 2015. 98 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, 2015.

TRICHÊ, P. B. M.; MORETTI-PIRES, R. O. Pesquisa etnográfica. In: SANTOS, S. G. dos; MORETTI-PIRES, R. O. **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. p.105-111.

VELHO, G. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, abr. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132011000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 fev. 2018.

Endereço para correspondência

Miraíra Noal Manfroi
Rua Braulio de Souza, 258
Campo Grande - MS
79042030



Recebido em:
04/11/2019
Aprovado em:
10/05/2020